



Era uma vez... o verbo: abordagem do verbo no 1º ano

Maria João Loureiro

mjloureirocrsi@gmail.com, Colégio Rainha Santa Isabel,
Coimbra

Resumo

O objetivo principal deste artigo é apresentar estratégias de abordagem de conceitos, em anos de escolaridade anteriores ao proposto pelo programa de Língua Portuguesa. Referimo-nos, especificamente, à abordagem do verbo, no 1º ano de escolaridade. Todas as atividades foram desenvolvidas aplicando a Abordagem Ativa da Descoberta, como metodologia didática. O ludismo foi também uma presença constante, nos momentos de aprendizagem e consolidação de conhecimentos. A turma com a qual foi desenvolvido este projeto tinha, na altura, 25 alunos, existindo um caso de baixa consciência fonológica e dois casos de dificuldades de aprendizagem. Os restantes elementos da turma tinham um nível médio-alto, no que respeita às aprendizagens.

Palavras-chave: Gramática, abordagem ativa da descoberta, ludismo, verbo.

Abstract

The main of this article is to present strategies for addressing concepts in elementary school prior to the proposed by the Portuguese Programs. We refer specifically to the approach of the verb in the 1st grade. All activities were developed by applying the Approach of Active Discovery as teaching methods. The fun learning games were also a constant presence in moments of learning and consolidation of knowledge. The class with which this project was developed had, at the time, 25 students. One of the class elements had poor phonological awareness and two cases of learning difficulties. The remaining elements of the class had a high-average level, with regard to learning.

Keywords: Grammar, discovery approach to grammar, fun learning games, verb.

Introdução

O trabalho que aqui se apresenta foi elaborado no âmbito da unidade curricular “Ensino da Língua Portuguesa”, lecionada no primeiro semestre do primeiro ano do mestrado em Didática do Português.

A escolha deste tema foi encarada como um desafio, uma vez que o conteúdo abordado não faz parte do programa do 1º ano, lecionado aquando do desenvolvimento deste projeto. Tentou-se adaptá-lo e trabalhá-lo da forma mais exequível possível, dadas as circunstâncias.

Todos os momentos desenvolvidos foram pensados e planificados no sentido de ir ao encontro da “Abordagem Ativa de Descoberta”. Como forma de contextualizar e esclarecer este conceito, transcrevemos Silva, que defende que

o ensino da gramática deve recorrer a uma abordagem ativa e centrada no aluno, que é induzido, sob orientação do professor, à descoberta do conhecimento gramatical. Para tal, compete ao professor guiar o aluno neste processo, oferecendo-lhe a possibilidade de realizar tarefas que passam pela manipulação de unidades da língua, observação dos efeitos produzidos, comparação dos dados resultantes, descoberta e explicitação das regularidades encontradas para mobilização dos saberes adquiridos ao serviço das restantes competências linguísticas. (SILVA, 2010: 30)

Deste modo pretendeu-se incentivar e motivar os alunos para a perceção / compreensão dos novos conhecimentos, sensibilizando os mesmos para uma busca ativa do saber, que parte mais

deles do que da figura do professor, ou de quem quer que esteja a orientar as atividades planificadas. Maria Helena Mira Mateus dizia, quanto à norma e variação, que,

de um modo poético, podíamos dizer que a língua, como todas as formas de comportamento do ser humano, palpita, cresce, torna-se flexível e colorida, expande-se, enfim, vive. (...) E como todo o ser humano muda durante a vida – embora nem sempre sinta essa mudança – também a língua que nos acompanha muda e se adapta às nossas novas necessidades, mantendo, no entanto, a sua identidade. (Mateus, 2007: 43)

Talvez se pudesse dizer algo idêntico no âmbito das práticas pedagógicas dos profissionais da educação, que muitas vezes se prendem a uma determinada “norma”, recusando-se a evoluir e aceitar “variações”. Muitas vezes, o mais cómodo é expor e levar a aula a direcionar-se no sentido pretendido, de modo a não se perder tempo, de modo a não se correr riscos. Será esta a melhor forma de lidar com uma sociedade em constante mudança, em crescente dificuldade de satisfação? Este trabalho foi traçado na tentativa de verificar quais as reações, que diferenças nas motivações dos alunos e qual a resposta à entrega da busca do conhecimento nas suas próprias mãos. Já em 1991 Brickman defendia que

a aprendizagem activa é muito, muito mais do que a mera manipulação de materiais pelas crianças. É uma abordagem para a infância que permite às crianças o pleno uso das competências que estão a despertar. Além disso, os professores podem aprender mais sobre cada uma das crianças em situações de aprendizagem activa; em actividades totalmente dirigidas pelos professores, tudo o que os adultos podem descobrir é a competência das crianças para seguirem instruções. (Brickman, 1991: 12)

O trabalho foi estruturado de forma a apresentar, antes de tudo, as concepções prévias dos alunos em relação ao conceito a trabalhar (o verbo); de seguida foram descritas as atividades planificadas e aplicadas, sendo que, no final de cada um dos momentos apresentados, foi feita a devida reflexão sobre os resultados obtidos ou dificuldades sentidas. No final do trabalho fez-se uma reflexão geral final.

No que diz respeito à turma envolvida neste projeto, era constituída por 25 alunos, com 6 e 7 anos, sendo que alguns deles fizeram os 6 anos apenas em Dezembro de 2009 e outros atingiram a idade de 7 anos imediatamente no mês seguinte. Isto confere a estes elementos da turma praticamente um ano de diferença, o que se reflete, principalmente, na sua maturidade e autonomia. Frequentavam, como já foi referido, o 1º ano de escolaridade, no Colégio Rainha Santa Isabel. Havia uma aluna a ser acompanhada por terapeuta da fala, por ter baixa consciência fonológica, o que levou a que apresentasse dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita. Havia também a destacar dificuldades de concentração e conseqüente dificuldade em acompanhar as aprendizagens ao ritmo da restante turma, particularmente de dois elementos que chegaram à turma depois de se ter iniciado o ano letivo, um em final do mês de Novembro e outro no início do 2º Período.

Os alunos não referidos (cerca de 22) eram alunos sem dificuldades de qualquer tipo, sendo considerados alunos de nível médio-alto, no que diz respeito às suas capacidades de trabalho e de aprendizagem.

Desenvolvimento do projeto “Era uma vez... o Verbo”

Feita a contextualização, passamos agora à apresentação do projeto desenvolvido, começando por apresentar os resultados do levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos. Concluiu-se, através de um breve questionário, que uma minoria das crianças tinha já ouvido a palavra “verbo”, mas que o seu significado era desconhecido para a totalidade da turma, o que levou a uma situação de igualdade em termos de introdução à abordagem, facilitando o início dos trabalhos e as atividades iniciais, que pressupunham isso mesmo. Assim sendo, não houve alterações a realizar a este respeito.

Para iniciar a implementação das atividades a desenvolver, a professora criou uma estória em que a personagem principal era o conceito a explorar, que tomou o nome de “Sr. Verbo”⁶⁰. Começou então a professora por ler a estória à turma, que escutou de forma atenta todos os detalhes. Ao contrário do que tinha sido planificado numa primeira fase de estruturação do trabalho, a determinada altura da leitura, antes de concluir a estória, a professora parou. Os alunos pediram que continuasse, pois queriam saber os acontecimentos seguintes. Foi-lhes proposto que eles próprios criassem, imaginassem, um final para aquela estória. Os alunos ouviram de novo a primeira parte da mesma, dando, de seguida, ideias sobre possíveis finais.

Depois de se falar sobre as opções propostas, a professora acabou por ler a sua escolha. Os alunos verificaram que era um pouco diferente de qualquer uma das suas ideias, mas igualmente bonita e com um final feliz para todos os intervenientes, acabando, nesse sentido, por ir ao encontro das expectativas transmitidas pelas suas propostas.

Este ajuste à ideia inicial, que era ler a estória por completo, revelou-se uma boa estratégia, pois envolveu ainda mais os alunos na tarefa proposta e exigiu que dessem uso à sua imaginação e criatividade.

Terminada a audição da estória fez-se a exploração da mesma, em grande grupo, oralmente. Os alunos falaram sobre o Sr. Verbo, personagem principal, sobre as suas características e a sua importância. Uma aluna perguntou, durante esta conversa: “Mas se o Sr. Verbo é uma palavra, como fez o mundo voltar ao trabalho?” A professora explicou, então, que as palavras podem ser personagens de estórias, como qualquer animal, ou planta, ou objeto. Tudo depende da nossa imaginação.

Com o decorrer das atividades desenvolvidas, os alunos acabaram por compreender a intenção de pôr o Sr. Verbo a fazer tudo ter ação, ao compreender a relação “verbo/ação”.

Ainda no que diz respeito à exploração, falou-se das coisas que, na ausência do Sr. Verbo, não aconteceram (passado), das que não estavam a acontecer naquele mesmo momento (presente) e das que apenas aconteceriam quando ele decidisse regressar ao trabalho (futuro).

Foi ao refletir sobre a parte da estória em que o Sr. Verbo decide desaparecer que os alunos concluíram da sua importância.

A exploração foi rica, principalmente na utilização dos tempos verbais, na identificação das personagens e na caracterização do Sr. Verbo.

Primeiramente tinha sido planificada uma atividade que implicava a leitura e escrita de enunciados em que não existia verbo. A esta etapa deu-se o nome de “Oficina de Língua”. Uma vez postas em prática as atividades anteriores, a professora apercebeu-se de que os alunos começavam já a

⁶⁰ Ver Anexo 1

aproximar-se do conceito pretendido. Assim que disse a primeira frase com ausência do verbo, os alunos de imediato encaixaram um verbo a seu gosto, e de acordo com o restante enunciado. A atividade foi então imediatamente reformulada, indo ao encontro dos instintos dos alunos.

Ao enunciado “O João ontem”, apresentado pela professora, os alunos de imediato responderam, por exemplo: “O João brincou ontem.”, “O João estudou ontem.”, encaixando um verbo e obtendo uma construção frásica correta. Toda a turma concordou com a sugestão, dizendo que a frase certa era a segunda e não a primeira, onde faltava “qualquer coisa”. Apesar de não verbalizarem o nome do elemento em falta, os alunos souberam indicá-lo.

A atividade passou, a determinada altura, para as mãos dos alunos, pois eles próprios começaram a dizer enunciados incompletos, para que os colegas os completassem. Sem se aperceberem, tanto uns como outros foram sendo observados pela professora, uma vez que ambas as situações levavam a que se compreendesse se tinham ou não consciência da palavra em falta. Apenas quando todos os alunos participaram nas tarefas esta fase foi dada por terminada.

A oficina de língua proporcionou momentos bastante enriquecedores. Todos os alunos participaram, direta e individualmente, nas atividades desenvolvidas, o que aumentou a sua motivação e os estimulou para a procura de propostas e de respostas corretas. O facto de todos eles conseguirem omitir o verbo dos enunciados produzidos, ou encaixarem um verbo de forma correta nesses mesmos enunciados, levou a crer que as atividades estivessem a ser frutíferas em resultados e a tomar o rumo pretendido, em relação aos objetivos traçados.

Uma vez que, na estória inicial, eram referidos vários acontecimentos prejudicados pela ausência do Sr. Verbo como, por exemplo, o sol que não brilhava ou as flores que não floresciam, a professora aproveitou para pôr de novo os alunos em contacto com algum do vocabulário constante da estória e identificar as palavras selecionadas com as respetivas imagens. Chamou-se a este conjunto de atividades “O verbo e o conceito de ação”. No quadro ficaram as imagens de um pássaro, do vento, de um despertador, de uma professora, de uma criança, do sol e de uma flor.

A tarefa constou então da associação de verbos (ações) às imagens, afixadas de forma a serem visualizadas facilmente por toda a turma. Antes de prosseguir com a descrição, é importante referir que, mais uma vez, a ideia inicial foi alterada. A professora começou por lançar a frase: “Então quem me sabe dizer o que pode fazer...”. Dividiu-se a turma em dois grupos, por esta altura, e, enquanto um dos grupos foi para a biblioteca da escola, pensar em formas verbais que pudessem ser associadas às imagens apresentadas, o segundo grupo manteve-se na sala de aula. No final foram construídos cartazes com as palavras escritas, com a ajuda da professora, mas sem a respetiva imagem. A tarefa do segundo grupo (da biblioteca) foi ler as palavras (verbos) escolhidos pelo grupo 1 e escolher a gravura correta para cada um dos cartazes. Desta forma foram testadas as capacidades de escolher as formas verbais mais adequadas e simbólicas, as capacidades de leitura e de associação das palavras às imagens. Ficaram assim construídos os cartazes representativos do trabalho realizado.

Terminado este momento, verificou-se que os alunos haviam compreendido bem a relação pretendida, entre o conceito de verbo e o de ação, uma vez que todos eles conseguiram com sucesso indicar verbos adequados para as imagens apresentadas. Obviamente houve alunos que participaram mais do que outros, sendo que os alunos que têm algumas dificuldades de aprendizagem acabaram por ficar a ouvir os colegas dar as suas ideias e demoraram mais tempo a exprimir-se. No entanto, mesmo esta espera foi importante, para terem contacto com mais exemplos e compreender melhor o que se esperava da tarefa. Quando participaram fizeram-no com correção, pelo que, globalmente, os resultados foram acima das expectativas traçadas.

Há ainda a acrescentar que esta atividade acabou por conduzir a uma exploração paralela, das relações de sinonímia e de antonímia, conduzida pelos alunos. Isto porque ao apresentar, por exemplo, os verbos ligar / desligar ou nascer / morrer os alunos disseram de imediato que as palavras dos respetivos pares eram o contrário uma da outra, Aproveitando estes comentários a professora “apresentou” os alunos à nomenclatura correta, que é agora utilizada pela turma no contexto certo.

Depois de falar sobre o verbo e de associar ações a imagens (sujeitos) em concreto, havia a necessidade de uma intervenção mais concreta e direta dos alunos, no treino da flexão do verbo, em pessoas e tempos variados. Optou-se então pela realização de um jogo, em grande grupo, intitulado “Oficina de leitura e de escrita”. No que diz respeito ao ludismo, Brickman refere que

Brincar é a actividade mais natural das crianças e os adultos encorajam a aprendizagem apoiando os jogos das crianças e participando neles. (...) Com o tempo, descobrem que as crianças colaboram melhor e estão mais empenhadas no que fazem quando partilham os aspectos lúdicos com os adultos do que quando têm de fazer tarefas que lhes são impostas. (Brickman, 1991: 31)

Esta foi, por tudo isto, a estratégia escolhida para esta fase da abordagem do verbo, uma vez que os alunos já tinham, nesta altura, estado em contacto e trabalhado com algumas formas verbais.

Para iniciar o jogo a professora afixou cartões no quadro, de modo a ficarem bem visíveis para todos os alunos. Um dos cartões tinha exemplos de sujeitos, outro tinha exemplos do tempo da ação e o último tinha a forma verbal a utilizar. Cada um dos cartões tinha ainda opções em branco, para que os alunos pudessem fazer a sua escolha, livremente.

A professora disponibilizou dois dados, que deveriam ser lançados de forma a que o número obtido correspondesse a uma opção em cada um dos cartões. Os alunos vieram então à frente da turma, em grupos de 3 elementos, fazer os 3 lançamentos, para selecionar as suas opções. A parte final da frase ficou ao critério dos alunos, que poderiam escolhê-la, segundo a sua vontade. Obtidos os “componentes” da frase, deveriam reunir para apresentar a frase final construída, para que os restantes colegas votassem a favor ou contra a correção da construção. O ludismo, tal como já foi referido, foi uma estratégia bastante utilizada. Mais uma vez, é importante transcrever Brickman, que considera que

se queremos que as crianças desenvolvam capacidades de pensamento independente e de decisão, temos de as fazer ter prática de trabalhar por si próprias e de realizar escolhas. Se estivermos sempre a limitar as oportunidades de escolha, não poderemos esperar que aprendam a fazer escolhas acertadas. (Brickman, 1991: 36)

As frases, depois de construídas, deveriam ser registadas no quadro, à vista de todos, para que fosse lida em conjunto. Desta forma treinou-se também as competências de leitura e de escrita dos alunos.

Esta atividade, cujos resultados eram, de certa forma, inesperados, acabou por revelar-se interessante. Os alunos participaram com interesse, conseguindo iniciar as frases com o sujeito “encaixado” corretamente com os vários tempos apresentados. Quanto às formas verbais, não houve qualquer dificuldade em referir o passado, sendo que todas essas frases foram construídas com correção. Quanto ao presente e ao futuro houve algumas dificuldades em isolar o verbo, existindo muito a tendência para anexar-lhe um verbo auxiliar. Aconteceu muito o uso de, por exemplo, no presente, “estou a...” e, no que respeita ao futuro, o uso de “vou...”. Após algumas orientações da professora, os alunos passaram a fazer automaticamente as correções, por iniciativa própria. Ainda

assim, a noção dos alunos está correta, pois corresponde à forma como verbalizamos as nossas ações no dia a dia. Raramente utilizamos o futuro e, na grande maioria das vezes, juntamos um auxiliar ao verbo principal, no presente, dizendo “Estou a ler.” Ou “O que estás a fazer?”

Na fase final da abordagem do verbo, na “Oficina de criatividade”, a professora optou por mudar o ambiente da aula. Então encaminhou a turma para o exterior. A atividade proposta consistia num jogo de mímica. Os alunos, já no exterior, posicionaram-se em círculo. A professora exemplificou a atividade, dizendo uma forma verbal em voz alta. Para começar escolheu o verbo “correr”. Então os alunos, na área estabelecida anteriormente, mimaram essa ação. A atividade continuou, passando a oralidade de aluno em aluno, até que todos tivessem escolhido um verbo para mimar. Foram mimados verbos como “abraçar”, “cair”, “aplaudir”, “rebolar” e ainda “abraçar”, entre outros. Foi um momento muito divertido e que todos apreciaram.

Para finalizar este projeto lançou-se um desafio à turma. Depois de relembrar a estória inicial, através do reconto, feito pelos alunos, a professora pediu que imaginassem o Sr. Verbo e transmitissem a sua caracterização para uma folha de desenho, ilustrando essa imagem mental.

Os resultados foram muito variados e diferentes. Houve alunos que ilustraram aquilo que foi afetado pela ausência do Sr. Verbo, à sua volta, alguns imaginaram-no como um rei e outros desenharam-no num mundo muito colorido, cheio de ação.

Resta referir que alguns alunos imaginaram o Sr. Verbo como uma pessoa vulgar, mesmo sabendo que a estória o referia como uma palavra, mas outros foram mais criativos e deram uma forma a essa palavra, fruto da sua imaginação.

Considerações finais

Todas as atividades planificadas foram aplicadas com sucesso na turma, ainda que algumas ideias iniciais tenham sofrido alterações, em prol dos interesses e do trabalho dos alunos, pois tal como Alves escreveu,

ser um professor de educação criadora significa não se contentar com sentir, mas também conhecer, atizar, transformar uma brasa em fogo vivo. É uma satisfação imensa constatar tal efeito, ver que isto foi possível por um processo natural, sem o artifício de uma ajuda estranha, somente com as faculdades que, no seu estado latente existem na criança. (Alves, 1984: 54)

A abordagem ativa de descoberta para “apresentar” os alunos ao verbo foi uma ótima estratégia. Desde esta experiência temos vindo a aumentar estes momentos com a turma, ainda que de modo equilibrado com momentos de exposição. Isto porque na escola onde lecionamos o ritmo de aprendizagem é bastante mais rápido que o habitual, sendo que o tempo escasseia e nem sempre se consegue aplicar o tipo de atividades que se gostaria.

No âmbito da abordagem ativa de descoberta demos especial importância aos jogos e à experimentação, individualizada sempre que possível. É importante que a criança tenha contacto direto com o objeto de trabalho. Alves defendia, já em 1984, que “*quem estuda a arte infantil sabe que o essencial não é a representação dum objecto ou dum texto, mas a concretização de sensações em formas e em cores.*” (Alves, 1984: 58)

Terminamos, referindo o quanto as aulas desta unidade curricular e o contacto com este tipo de estratégias nos enriqueceu, tanto profissional como pessoalmente.

Tal como foi referido no início do trabalho, é importante evoluir e não devemos ter medo de mudar.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Estela e FERNANDES, Evaristo (1984). *Uma nova pedagogia para o ensino primário*. Oliveira de Azeméis: Editorial Visão.
- BRICKMAN, Nancy Altman e TAYLOR, Lynn Spencer (1991). *Aprendizagem Activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1996). *Gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- DUARTE, Inês (2008). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística*. Lisboa: Ministério da Educação.
- MATEUS, Maria Helena Mira, et al. (2003). *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho.
- MATEUS, Maria Helena Mira (2007). *O Essencial sobre Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- SILVA, Maria Cristina Vieira da (2012). Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Consultado em março 2012, <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slq25/03.pdf>
- XAVIER, Lola Geraldes (2009). Ensino da gramática: reflexões em torno do verbo. Consultado em fevereiro, <http://sites.google.com/site/lolagrafias/>

Anexos

Anexo 1

“Era uma vez... o Verbo” – a estória

Era uma vez o Verbo. Perdão, o Sr. Verbo. Há que tratar com o devido respeito palavra tão importante. Afinal, se não fosse ele, não estávamos agora a ouvir esta história. Ninguém conseguiria falar, ou escrever, ler ou ouvir... O Sr. Verbo é uma palavra. E, por sinal, das mais trabalhadoras que conhece. Mas, um dia, houve um problema... Vou contar-vos como foi.

O Sr. Verbo, amigo do seu amigo, estava sempre em toda a parte. Ajudava tudo e todos, fazia andar o mundo. A sua vida era um corrupio!

Um dia, acordou e disse:

- Estou triste... Trabalho noite e dia e sinto que ninguém me dá o devido valor.

Foi então que, se bem o pensou, melhor o disse e o fez:

- É isso! Vou tirar umas férias. Hoje não saio à rua.

Decidiu ficar em casa, deixar que sentissem a sua falta. E, na verdade, todos repararam que o mundo ficou estranho...

O sol não nasceu, o despertador não tocou, a escola não abriu, os professores não deram aulas, as crianças não brincaram nem estudaram, a noite não caiu... O mundo parou!

Ao aperceber-se desta situação, o Sr. Verbo exclamou:

- Agora sim, vão dar-me o valor que mereço!

O Sr. Nome, seu vizinho de longa data, foi conversar com ele, tentando fazê-lo mudar de ideias e levar acção a todo o lado. Com muita calma, explicou-lhe:

- Sr. Verbo, por favor, tem de fazer qualquer coisa... As flores não florescem, os pássaros não cantam, o vento não sopra, o sol não brilha no céu, é tudo uma grande monotonia... Nada acontece! Só quando o Sr. voltar, aí sim, o sol nascerá e brilhará no céu, as crianças correrão pelos parques, as flores darão cor aos jardins e todos nós seremos muito felizes, o mundo será um sítio bonito e alegre!

O Sr. Verbo pensou naquelas palavras e, ao compreender que já tinha feito com que sentissem a sua falta, decidiu voltar ao trabalho e dar um final feliz àquele estranho dia.

Foi uma festa e todos correram a agradecer-lhe, quando o viram a trabalhar de novo, arduamente, para que tudo voltasse ao normal.

Maria João Loureiro